

## **O ELITISMO INTEGRALISTA EM OLYMPIA: UM “FASCIO DE INTELECTUAIS”**

*“Os homens nada valem, quando não encontram idéas que têm de ser vencedoras... Serão todos levados, de roldão, pela fatalidade dos acontecimentos históricos, quando essas idéias ficarem completamente maduras no sub-consciente das massas... e no consciente das elites.”*  
(Philemon da Matta, *A Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30/07/33)

Vimos que o discurso integralista em Olympia era notadamente fascista e que os camisas-verdes que escreviam para o jornal “Cidade de Olympia” exploravam o parentesco entre as duas doutrinas como arma de propaganda. Nos conturbados anos 30, comunismo e fascismo dividiam o cenário político-ideológico mundial como as únicas doutrinas capazes de salvar as nações da “derrocada liberal”.

Enquanto os inimigos do comunismo o disseminavam como uma ameaça à civilização cristã, o integralismo-fascismo apresentava-se como a única alternativa viável (“ou eles ou nós”) capaz, por exemplo, de garantir a sobrevivência dessa civilização cristã. A solução integralista-fascista seria eficaz para conter o avanço comunista no Brasil e salvar o país do fracasso representado pela Revolução de 30, avaliada como mais uma ação liberal desastrada.

A característica do integralismo-fascismo em Olympia foi a fuga da realidade local e o refúgio num discurso emocional e mistificador que criava ou reproduzia imagens com o propósito de cooptar adeptos, mas que estava distante da realidade de uma cidade encravada no sertão paulista, marcada não por disputas políticas ideológicas, mas por embates localistas, de cunho clientelista e oligárquico,

ao qual se opunha o integralismo. O texto do integralista Oswaldo Chateabriand ilustra essa posição: “...O integralismo é antes de tudo um grito da mocidade. Quem viu os camisas-verdes hontem, estandartes da pátria nova, superior aos regionalismos, às contendias inter-estaduaes...”<sup>1</sup> As disputas localistas eram, sem dúvida, um dos aspectos combatidos pela doutrina integralista, que via nelas a divisão das famílias criando ódios inextinguíveis, dizia o camisa-verde Guarany.<sup>2</sup> O integralismo, segundo o mesmo Guarany, entendia que essas disputas enfraqueciam o município, célula da família, causavam discórdia e desunião e os que venciam nem sempre respeitavam o adversário e quase sempre os oprimiam.<sup>3</sup> Isto encontra paralelo no *Manifesto de Outubro de 1932*, onde se lê “o município é uma reunião de famílias”: *O homem e a mulher, como profissionais, como agentes de produção e de progresso, devem inscrever-se nas classes respectivas, afim de que sejam por estas amparados, nas ocasiões de enfermidades e desemprego.*<sup>4</sup> Com isso, o integralismo ambicionava exibir-se como combatente de uma situação que era típica no sertão paulista: o clientelismo/coronelismo. Atribuía ao agrupamento de classes o meio de garantir aos que trabalhavam e produziam não dependerem de favores de chefes políticos, de caudilhos, de diretórios locais, de cabos eleitorais e como única maneira de se tornar o voto livre e consciente.<sup>5</sup>

Nas contendidas políticas em Olympia da década de 30, não havia lugar para questões doutrinárias e nem mesmo a política local se vinculava com a estadual ou nacional. As eleições, portanto, não eram balizadas por disputas ideológicas. Não eram as ideias que definiam os adversários, mas simplesmente sua

---

<sup>1</sup> CHATEUABRIAND, Oswaldo. *Camisas-verdes*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de julho de 1934. O autor se refere a uma manifestação integralista ocorrida em São Paulo em 1934.

<sup>2</sup> GUARANY. *A mentira do sufrágio universal*. Jornal “Cidade de Olympia”, 5 de março de 1936.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. P. 15.

<sup>5</sup> Idem.

filiação a outro partido, pouco importando se ao Partido Constitucionalista, ao Partido Municipal Independente, ao Partido Republicano Paulista, ao Partido Socialista Brasileiro, oficialmente existentes na cidade, e ao integralismo.<sup>6</sup>

A realidade é que na Olympia da década de 1930 ainda predominava o poder dos coronéis, ou seja, a influência do poder privado no poder público, representado na pele dos grandes cafeicultores do município, como Jeremias Lunardelli, Henrique Storto, Natal Breda, Gabriel Said Aydar, Emílio Gottardi e tantos outros.

Victor Nunes Leal afirma que o coronelismo teve seu habitat nos municípios do interior, o que equivale dizer nos municípios rurais, ou predominantemente rurais<sup>7</sup>, caso específico de Olympia. O autor de *Coronelismo, Enxada e Voto* entende que a vitalidade do coronelismo é inversamente proporcional ao desenvolvimento das atividades urbanas e o isolamento é fator importante na formação e manutenção do fenômeno.<sup>8</sup> Podemos dizer que o município de Olympia nos anos 30 encontrava-se numa situação de relativo isolamento, já que geograficamente estava situado na penúltima fronteira do sertão paulista, distante mais de 450 quilômetros da capital e com baixo índice de ocupação urbana.

Em seu primeiro romance, *O Estrangeiro*, Plínio Salgado fez alusão ao coronelismo no sertão paulista (o livro foi inspirado pela viagem de Plínio a Monte Aprazível e contém a síntese do pensamento pliniano). Um dos personagens, o boticário Matoso, trava o seguinte diálogo com o Major Feliciano: “*Oposição é para levar na cabeça, major. Quem quiser viver tranquilo precisa prestigiar o diretório reconhecido.*”<sup>9</sup> No romance, Plínio descreveu que os oposicionistas de Mandaguari

---

<sup>6</sup> A Ação Integralista Brasileira nunca foi registrada em Cartório em Olympia.

<sup>7</sup> LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. P. 275.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. P. 75.

viviam aos pontapés do governo, como cães escorraçados e teimosos.<sup>10</sup> No mesmo livro, o futuro chefe da Ação Integralista aproveitou a reflexão do mestre-escola Juvêncio para censurar o coronelismo. Juvêncio comparava Mandaguari a uma célula em cuja enfermidade surpreendia a doença de um organismo.<sup>11</sup> Tudo se acomodava aos interesses de cada qual, apreendia Juvêncio<sup>12</sup>, e os cidadãos submetiam-se servilmente às injunções do diretório e este aos caprichos dos chefes regionais. Juvêncio foi mais além: o Estado era dividido em feudos, com senhores barões mandantes de assassinios. Juvêncio comprehendia que a justiça correspondia à soma dos títulos eleitorais e apesar de que ferviam revoltas inconfessáveis, ninguém tinha a coragem de abrir a boca.<sup>13</sup>

A liderança do coronel saltava aos olhos na política local, mesmo que na maioria das vezes ele mesmo não ocupasse diretamente cargos públicos (exceção feita ao principal coronel que habitou o município, Jeremias Lunardelli<sup>14</sup>, prefeito de Olympia entre 1920-22, foi considerado um grande benfeitor, tendo construído o primeiro prédio da prefeitura com seu próprio dinheiro). No entanto, a maioria dos chefes políticos municipais que ocupou cargos era constituída de pessoas que estavam presas à esfera de influência política do coronelato. Era como se fossem uma espécie de “agregados políticos”, encarregados de administrar o município dentro da perspectiva política dos coronéis, enquanto estes tocavam suas propriedades e preparavam, no terreno fértil das colônias, os eleitores para o voto de cabresto. Afinal, a maioria das pessoas vivia na zona rural, vitimada pelo analfabetismo ou quase, o impaludismo (endêmico em Olympia na época), a febre

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem. P. 131.

<sup>12</sup> Entre todos os personagens do livro, Plínio Salgado identificava-se com Juvêncio. Portanto, consideramos aqui que o pensamento pliniano impregnava o discurso de Juvêncio, levando a uma simbiose.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Jeremias Lunardelli chegou a ter 15 milhões de pés de café na região de Olympia.

amarela e na mais completa dependência do capital gerado pelo café e concentrado nas mãos dos coronéis, que acabavam sendo identificados como benfeiteiros pelos próprios colonos e a população em geral, pois custeavam consultas médicas, a compra de medicamentos, sino para a igreja, construção de hospital, etc., e a quem, portanto, deviam-se favores políticos. Eram esses mesmos fazendeiros que custeavam as despesas eleitorais, pois o trabalhador rural, em geral, não tinha interesse direto e não faria o menor sacrifício no sentido de votar, afirma Victor Nunes Leal. Sendo assim, os integralistas olimpienses, que também tinham nos coronéis seus “benfeiteiros” (eram eles, enfim, os responsáveis pela lotação de seus consultórios e escritórios), não tinham a menor chance eleitoral, mesmo apresentando o que era considerado como o “novo” e, muito menos, o desejo de combater através de ações essa prática eleitoral. O combate ficou restrito ao campo das ideias. E devemos considerar que o coronelismo deveria ter sido um dos principais alvos do movimento integralista, uma vez que a figura do coronel representava o que a A.I.B. difundia como mais sórdido politicamente: clientelismo, partidarismo, regionalismo e falta de ideal político. O integralismo não se inseria nessa realidade política, social e cultural de Olympia dos anos 30, pois a propaganda integralista vinha impregnada de conteúdo ideológico, contrário às práticas típicas do coronelismo. Talvez isto explique o fato do integralismo local não ter sido um movimento de maior abrangência social, não ter ido além de uma espécie de “clube de letrados” ou um “fascio de intelectuais”, que gozava do privilégio de ter acesso a livros, jornais de grande circulação, viagens à capital e, portanto, inseridos numa outra realidade e nos debates ideológicos da época.

Os intelectuais, explica Horácio Gonzalez, eram portadores de uma percepção histórica que lhes permitia estar em contato com todos os pontos de vista,

deles tirando as grandes sínteses culturais possíveis, eram um “estado-maior da cultura” e estavam “acima” das classes.<sup>15</sup> Mas no sertão de Olympia, os intelectuais integralistas mostraram-se ineptos para expressar essas sínteses culturais, sentindo-se na posse de uma proposta que os separava das camadas populares e das rotinas comuns. Antonio Cândido, no prefácio ao livro de José Chasin, pode contribuir para entendermos melhor o posicionamento desses intelectuais camisas-verdes: “*O fascismo e o integralismo são formas de falso anti-capitalismo, mas na verdade funcionaram como defesa deste, seja ele pleno, “tardio” ou “hiper-tardio”. O fato de ambos insistirem nos direitos dos operários e na iniqüidade da burguesia mas, ao mesmo tempo, preconizarem todas as medidas necessárias para o domínio desta e oferecerem àqueles uma espécie de miragem de aburguesamento. Com efeito, assim como os nazistas e fascistas, os integralistas pregavam a substituição da luta de classes pela ascensão dos “melhores”, para renovar as camadas dirigentes gastas e continuar estrutural e funcionalmente o seu papel na sociedade*”.<sup>16</sup>

Enquanto isso, o contato da maioria da população sertaneja com os grandes temas da época resumia-se às conversas de rua, a eventuais acessos ao jornal e ao rádio ou mesmo às próprias conferências integralistas, que chamavam mais a atenção por serem proferidas por intelectuais eloquentes, produzindo na platéia uma sensação (e não mais do que isso) de prazer por estar presenciando a oratória de um intelectual, do que pelo conteúdo doutrinário. É comum ouvir pessoas que assistiram às conferências reportarem-se apenas à capacidade de expressão dos camisas-verdes e nunca à capacidade de transmitir com clareza as ideias integralistas, tornando-as compreensivas para o público comum. Luiz Mori Laraia lembra que o Cine Theatro Olympia (palco das conferências, chamadas por ele de

<sup>15</sup> GONZALEZ, Horácio. *O que são intelectuais*. P. 32-39.

<sup>16</sup> CÂNDIDO, Antonio. In: CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio*. P. 17.

“eventos culturais”) ficava literalmente tomado, pois a população gostava de ouvir grandes oradores.<sup>17</sup> A maior parte da platéia era constituída pela classe média urbana, profissionais liberais, pequenos comerciantes, comerciários. Todos os oradores integralistas eram de primeira linha e se empolgavam em inflamados discursos, recorda João Batista Ricciardi.<sup>18</sup> Álvaro Sgarbi lembra particularmente da capacidade oratória de Ítalo Galli, que foi chefe municipal, e de não haver muitos simpatizantes.<sup>19</sup> O professor Vitório Sgorlon só se lembra da participação de médicos, advogados e professores no movimento.<sup>20</sup>

O intelectual apresentava-se diante da população do sertão como a “alma integralista” e o “elixir”<sup>21</sup> que curaria todos os males da Nação brasileira. Era portador de uma visão maniqueísta, o integralismo representaria o pilar do bem, a luz, a sabedoria, a cura, enquanto o pilar do mau, das trevas, da ignorância, do vírus seria sustentado pelo comunismo, liberalismo, judaísmo.

Em duas passagens do romance *O Estrangeiro*, Plínio Salgado fez referências aos intelectuais de uma maneira condenatória. Num diálogo travado entre o mestre-escola Juvêncio (de alma nacionalista) e o russo Ivã (personagem central da trama), Plínio deixou transparente sua opinião de que faltava ao intelectual brasileiro o dom divinatório, que seria a projeção cíclica dos gênios.<sup>22</sup> Ao que parece, Plínio entendia-se como esse intelectual de dom divinatório e que mais tarde seria o “gênio” criador da Ação Integralista Brasileira, apreendida por ele

<sup>17</sup> Luiz Mori Laraia nasceu em 13 de março de 1924, em Jaboticabal. Foi advogado, professor de História e diretor do jornal “Cidade de Olympia” na década de 1950. Concedeu entrevista ao autor em 12 de outubro de 2000.

<sup>18</sup> Entrevista em 23 de fevereiro de 2001.

<sup>19</sup> Álvaro Sgarbi nasceu em Olympia em 1919. É comerciante desde 1946. Concedeu entrevista ao autor em 24 de janeiro de 2001.

<sup>20</sup> Vitório Sgorlon nasceu em Olympia em 1922. Foi simpatizante da A.I.B..

<sup>21</sup> Confeição farmacêutica de xaropes com alcoolatos; Bebida deliciosa, balsâmica ou confortadora; Aquilo que tem efeito mágico ou miraculoso; filtro (Dicionário Aurélio). O elixir era um remédio muito usado para o combate a diversas moléstias na década de 30 e com farto anúncio no jornal “Cidade de Olympia”: Tayuya, Grindelia, Nogueira, 914.

<sup>22</sup> SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. P. 255.

mesmo e pelos intelectuais que a compunham neste naco do sertão paulista como a “salvação da lavoura”. Outro trecho do romance revelou a preocupação pliniana com a intelectualidade. Em carta-resposta para Ivã, Juvêncio escreveu o seguinte: “Penso que estamos entre duas espadas, que nos apontam o caminho da decadência: o materialismo utilitário dos inconscientes e o ceticismo desnorteante dos intelectuais, como você. Hei de levantar a legião luminosa, de espírito virgem como nas florestas. Novas Bandeiras, que fixarão os limites morais do país...”<sup>23</sup> É perceptível que Plínio pensava num projeto para o Brasil que partisse de intelectuais crédulos, como ele, e aptos a desencadear um movimento de salvação da nacionalidade.

Gustavo Barroso afirmava que os trabalhadores intelectuais eram aqueles que concorriam pela inteligência, pelo estudo, pela cultura, pelo gênio, na marcha do progresso material, mental e espiritual.<sup>24</sup> Para o integralismo, seriam operários da Pátria tanto o químico que consome seus dias nos laboratórios, como o astrônomo, o poeta, o pintor, pois todos exprimiriam o gênio da raça e o esforço espiritual da nacionalidade.<sup>25</sup> Os artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia” evidenciam a fidelidade dos intelectuais olímpios ao conjunto político do movimento, sem, todavia, qualquer forma de contestação ou mesmo adaptação ao cenário político local.

Horácio González, em seu livro *O que são Intelectuais*, classifica de “intelectual maldito” aquele que é testemunha de um tempo de desordem e que consegue perceber apenas o que está convulso, não dando normas a ninguém, nem detendo coisa nenhuma.<sup>26</sup> A definição que se segue de “intelectual maldito”

---

<sup>23</sup> Idem. P. 331.

<sup>24</sup> BARROSO, Gustavo. *O que o Integralista deve saber*. P. 49.

<sup>25</sup> Idem. P. 50.

<sup>26</sup> GONZALES, Horácio. *O que são Intelectuais*. P. 10.

relaciona-se com aquilo que os camisas-verdes representaram politicamente em Olympia: como testemunha, pede que todos acreditem não porque possua uma chave da realidade, mas porque sua verdade apresentará a realidade alterada. Para acreditar há que descrever de outra coisa. Por isso, trazer a verdade para um lugar inesperado é a especialidade do intelectual maldito. Assim, não é testemunha dos tempos, mas do que está desencaixado nas realidades históricas. Até aí, nada deveria incomodar-nos. Mas o intelectual maldito oferece a principal habilidade de seu ofício, ao passar ele mesmo a ser esse elemento desencaixado do real.<sup>27</sup>

Num tempo de desordem (pelo menos assim entendia o Integralismo), os intelectuais integralistas de Olympia não fizeram outra coisa a não ser denunciar a suposta convulsão provocada pelo liberalismo, pelo comunismo, pelo semitismo, etc., e tentar imprimir uma verdade, a verdade na qual acreditavam, num lugar inesperado, porque ali os ideais defendidos pelo movimento não encontraram eco, pois o sertão estava naquele momento desencaixado das “realidades históricas” dos grandes centros brasileiros, da vida urbana, onde os temas recorrentes ao integralismo eram rotineiramente discutidos e levados à ação.

A realidade no sertão era outra, as preocupações nacionais refletiam-se em Olympia, mas não com a mesma luminosidade, havia preocupações, digamos, mais próximas e mais prementes. Os próprios camisas-verdes levavam uma rotina de vida fora da realidade na qual estavam inseridos, possuíam uma visão de mundo mais ampla, pois tinham acesso a meios que a maioria das pessoas simples vivendo no sertão não possuíam. O intelectual maldito de Gonzalez e os intelectuais integralistas de Olympia tinham outro ponto de convergência: sem saber transmitir conteúdos, eles especializaram-se em imprecisos contornos; pela

---

<sup>27</sup> Idem.

impreciso, pelo incompleto, pelo misterioso e pelo submerso, convence e comove.

<sup>28</sup> No sertão, comovia, arrastava o público para deliciar-se com as conferências no cine teatro, mas não convencia, até porque não partiu para as ações de mobilização em torno daquilo que comovia: a defesa da Nação, o anticomunismo, o antiliberalismo, o anti-semitismo. O discurso do Sigma no sertão soava como misterioso, impreciso para a maioria (ou será ininteligível?), estrondoso, comovente, sem no entanto convencer o povo, que pouco ou nada entendia daquele discurso que fugia à sua realidade sertaneja. Existe o que chamamos de uma suposta inabilidade dos intelectuais em atingir maciçamente a população e a experiência integralista em Olympia é um exemplo disso.

Marilena Chauí chama a atenção para o problema no seu importante trabalho *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. Nele, Chauí afirma que o discurso integralista tinha a peculiaridade de operar com imagens em lugar de trabalhar com conceitos e essa operação dava aos textos, mesmo quando tinha pretensões teóricas, um tom bombástico que, em princípio, parecia incompatível com a afirmação de Plínio de que o movimento integralista brasileiro era um movimento de cultura que abrangia: a) uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo do século XX e, consequentemente, as ciências sociais, econômicas e políticas e b) a criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parcialmente, o século XIX.<sup>29</sup>

Os textos integralistas no jornal “Cidade de Olympia” tentavam inocular esse tom bombástico (“o comunismo pretende acabar com as Pátrias”, “será o domínio dos judeus”, “o integralismo é uma garantia para a sociedade”, “typos ignaros da velha Europa já tentaram perturbar a paz”) e o intuito de se criar um

---

<sup>28</sup> GONZALEZ, Horácio. *O que são intelectuais*. P. 11.

<sup>29</sup> CHAUÍ, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. P. 40.

conjunto de imagens dificilmente compreensíveis para a população do sertão, mas que fosse capaz de alçar a A.I.B. à condição de salvadora da pátria, do cristianismo e da moralidade.

A consciência teórica da intelligentsia integralista não foi capaz de encontrar seu objeto, os trabalhadores do campo (incapacitados para quebrar “de dentro” a ideologia burguesa que banhava a sociedade), para que estes recebessem do “exterior” (da A.I.B.) de sua prática cotidiana os conhecimentos próprios de um outro universo teórico, efetivamente preparado para compreender as contradições existentes na realidade social e assim superar a cisão entre prática e teoria, entre intelectuais e operários.<sup>30</sup> O movimento de caráter intelectual que representou o integralismo no município não demonstrou vontade em cindir teoria e prática, ou seja, partir para ações que permitissem promover uma aproximação com os trabalhadores e uma ruptura na tradicionalíssima política local. Na teoria, a crítica à burguesia, aos regionalismos, ao partidarismo, ao clientelismo, ao coronelismo, mas na prática a impossibilidade de esquecer sua filiação pequeno-burguesa (médicos, advogados, dentistas, comerciantes) e sua dependência desta mesma burguesia (cafeeira/coronéis) e deste mesmo clientelismo (não dispensavam a proteção financeira dos coronéis). Com isso, mantinha-se no sertão a formula que parece ter se consagrado nos anos de existência do núcleo da A.I.B.: tradicional = mandonismo = coronelismo = clientelismo; moderno = integralismo, mas apenas no discurso.

Neste contexto, é importante lembrar a análise feita por Marilena Chauí sobre a participação das classes médias no movimento e a cegueira integralista em relação aos operários. Para Chauí, o integralismo, moldado sobre o fascismo, com adaptações nacionais, expandiu-se em nível nacional colhendo a herança

---

<sup>30</sup> GONZALEZ, Horácio. *O que são Intelectuais*. P. 48.

abandonada da direita nacionalista da década de 20 e a organização do Brasil nos moldes profissionais restauraria a autoridade e afastaria o cosmopolitismo.<sup>31</sup> É aí que os intelectuais se aproximaram e o movimento passou a ter simpatias da hierarquia católica e das classes armadas. Era a oportunidade, segundo Chauí, de um governo estamental, de comando de cima para baixo, coerente às aspirações de universitários cultivados para o exercício do poder sem a disputa plebéia. A classe média, sem papel político na sociedade e desdenhada pelas camadas dominantes, sentiu no credo verde a oportunidade de ajustar-se ao Estado.<sup>32</sup> A incapacidade dos camisas-verdes de cindir teoria e prática, partir do discurso para a ação, e promover uma aproximação com os trabalhadores, a qual aludimos acima, é corroborada por Marilena Chauí. Ela esclarece que o integralismo pode ter tido como fenômeno político-ideológico local, prenúncio de um populismo falhado, diverso do de Vargas, e que não se ocuparia com o “povo operário”, mas com o “povo-classe média”.<sup>33</sup> Portanto, essa é a mesma impressão deixada pelo movimento verde no município de Olympia, ou seja, o direcionamento de seu discurso tão somente à classe média, eleitora e apta a entendê-lo, mas marginalizada da vida política naquele momento histórico e a procura de algo que representasse o “novo” (antiliberal, anticomunista). Sob este prisma, Chauí afirma ser possível supor que o fracasso da A.I.B. tenha algo a ver com o sucesso de Vargas, que não permaneceu cego à prática operária, enquanto o Sigma, estabelecendo uma cisão entre o “monstro comunista” e o “miserável obreiro”, aprisionou-se nas imagens pequeno-burguesas do social e político, permanecendo apenas à altura do destinatário de seu discurso.<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> CHAUÍ, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. P. 65.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Idem. P. 112.

<sup>34</sup> Idem.

A análise do discurso integralista em Olympia apresenta os intelectuais somente como enaltecedores das supostas qualidades “salvacionistas” da A.I.B., da sua generosidade, da sua defecção a outros movimentos políticos e da sua capacidade de falar em nome do povo oprimido e passivo do sertão paulista. Partindo da ideia de Eliana Dutra, os integralistas concebiam a sociedade como infantil e amorfa à espera de que a organizassem e ajudassem a crescer com identidade.<sup>35</sup>

A atividade intelectual é uma atividade política, explica Horácio Gonzalez, e isto é relativamente óbvio para todas aquelas concepções que colocam o momento mais nobre da vida intelectual como um momento político, ou, se se quiser, o momento mais nobre da vida política como um momento intelectual.<sup>36</sup> A ação do intelectual, afirma Gonzalez, é a mais frágil que se desenvolve na sociedade, precisamente porque não pode evitar transmitir suas contradições. Ele desvenda a culpa de um afastamento das crenças comuns, o desejo de abolir as fontes de coerção, enquanto diz deter os instrumentos conceituais para pensar um mundo novo.<sup>37</sup> Horácio Gonzalez revela que os intelectuais ocupam um leque de situações que vão desde querer redimir a todos, com algo de profetas (“só o integralismo é a solução para todos os males que afigem a Nação”), a querer mudar as injustiças (“os judeus açambarcaram o tesouro nacional”), com propostas revolucionárias (corporativismo, Estado Integral), ou a rejeitar sua própria condição com uma obra aniquiladora de seu próprio eu (limitação ao discurso, sem ações que o viabilizassem).<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> DUTRA, Eliana. *O Artil Totalitário*. P. 25.

<sup>36</sup> GONZALES, Horácio. *O que são Intelectuais*. P. 102.

<sup>37</sup> Idem. P. 107.

<sup>38</sup> Idem. P. 109-110.

Para que o integralismo não fosse acusado de ser uma “ideia fora do lugar”, explica Marilena Chauí, bastaria mostrar que o liberalismo era superfetação de intelectuais de formação européia, enquanto o integralista era o único conhecedor da crise nacional e de sua solução; para que a opção fascista não parecesse descabida, bastaria mostrar que o desejo de ordem e disciplina estavam “na índole do povo”; para que o comunismo não fosse negligenciado como inimigo, bastaria identificar marxismo e liberalismo; para que a crise nos dissesse respeito, bastaria reduzi-la a uma crise do liberalismo; para que o Integralismo fosse a salvação nacional como criador da própria Nação, bastaria dar ao Estado a tarefa de construtor da nacionalidade.<sup>39</sup> Todavia, eram os intelectuais da classe média urbana que estavam proferindo esse discurso e oferecendo-se para colocá-lo em prática e, segundo Chauí, para que a tarefa política fosse primeiro uma tarefa intelectual, cumpriria demonstrar por que caberia à intelectualidade o papel de vanguarda.<sup>40</sup> E conclui: trataria de mostrar a crise fundamental, a crise de civilização.<sup>41</sup>

Examinando o discurso dos integralistas em Olympia, percebe-se nitidamente a presença dos traços descritos por Chauí. Os artigos estavam abarrotados de ataques ao liberalismo, de supervalorização dos camisas-verdes como os únicos conhecedores dos problemas e das soluções nacionais e o elogio ao fascismo tinha na ordem e na disciplina impostos na Itália, Alemanha e Portugal um referencial. O portador desse discurso era a classe média urbana, que sonhava com um Estado dirigido pela elite intelectual na qual os camisas-verdes do sertão se achavam inseridos.

Enquanto isso, a platéia que freqüentava as conferências, ou eventos culturais, promovidos no Cine Theatro Olympia pelo Núcleo Municipal da A.I.B. era

---

<sup>39</sup> CHAUÍ, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. P. 143-144.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

movida pela curiosidade em torno do novo que representava o movimento integralista e via nestes eventos a oportunidade de ouvir as palavras de alguém culto. Os intelectuais integralistas tornaram-se uma espécie de Boitatá<sup>42</sup>, que com o fogo da sabedoria iluminavam o sertão. No entanto, o “fogo da sabedoria” desses homens de letras não era ajustado para iluminar as trevas da ignorância política da maioria do povo olimpiense. A passeata que se seguia pelas ruas também era motivo para atrair os incautos olimpienses, muito mais preocupados com quem seria o próximo prefeito do que com o avanço do comunismo, o fracasso do liberalismo ou as vitórias fascistas. O discurso integralista em Olympia não foi moldado para atingir as massas incultas, para criar nelas a capacidade de compreender que os problemas macros do país influenciavam sua pacata vida rural e que o integralismo representaria a “solução” para todos os males que a liberal-democracia causava ao Brasil e, consequentemente, ao sertão em que viviam.

O integralismo em Olympia não se constituiu num movimento de massa, como foi em outras partes do Brasil ou como foi o fascismo na Itália. Existiu uma lacuna que separou o discurso e a prática integralista no município. Se por um lado o discurso era fascista, por outro não existiram ações de mobilização da massa ou mesmo dos trabalhadores do campo, característica do fascismo.

A população total do município (Olympia, Cajobi, Severinia, Guaraci, Icém e Patos) nos anos 30 ultrapassava os 60 mil habitantes e desse total apenas cerca de 10 mil viviam na zona urbana de Olympia, enquanto a maioria absoluta da população morava na zona rural, espalhada pelos 9.650 quilômetros quadrados do município. Com o predomínio da economia rural, era comum a existência de grandes

---

<sup>42</sup> Boitatá: serpente de fogo, que reside na água. Cobra grande que mata os animais, comendo-lhe os olhos; por isso fica cheia de luz de todos esses olhos.

colônias<sup>43</sup> nas fazendas, sendo que os colonos pouco se deslocavam para a cidade, salvo uma vez por mês para compras e em ocasiões especiais. Portanto, é inegável que a geografia foi um fator complicador na tarefa mobilizatória dos “roceiros” pelo Integralismo. Todavia, independente disso não houve por parte do núcleo municipal vontade política de aglutinar os trabalhadores rurais, mesmo que dispersa, em torno de suas ideias, como veremos mais adiante. Afinal, a mobilização permanente de seguidores e a conquista de espaços de influência cada vez mais amplos dentro da sociedade civil na tentativa de aumentar o espaço e a intensidade da adesão ao seu projeto de gestão da sociedade<sup>44</sup> era, ou pelo menos deveria ter sido, o objetivo de um partido de massa como a Ação Integralista Brasileira, mesmo em sua variante sertaneja.

Antes de seguir adiante, optamos por travar uma discussão a respeito de massas a partir da obra de Sigmund Freud, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Nela, Freud explica que em determinadas circunstâncias nascidas da incorporação a uma multidão humana, que adquiriu o caráter de “massa psicológica”, o mesmo indivíduo que conseguiu tornar inteligível, passa a sentir, pensar e agir de modo absolutamente inesperado.<sup>45</sup> Então fica a pergunta: que é uma massa? Por que um indivíduo adquire a faculdade de exercer tão decisiva influência sobre a vida anímica individual? E em que consiste a modificação psíquica que impõe ao indivíduo?

Gustave Le Bon esclarece que o mais singular dos fenômenos apresentados por uma massa psicológica é a seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem e por diversos ou semelhantes que possam ser seus

<sup>43</sup> Alguns exemplos de colônias no município: Fazenda Gemma, 72 famílias; Fazenda Recreio, 52 famílias; Fazenda Alto Alegre, 31 casas para colonos; Fazenda Bella Vista, 9 casas para colonos. Fonte: *Revista Agrícola de Olympia*, 1925.

<sup>44</sup> OPPO, Anna. *Partidos Políticos*. In Dicionário de Política. P. 901.

<sup>45</sup> FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 11.

gêneros de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato exclusivo de se acharem transformados numa multidão, torna-os possuidores de uma espécie de alma coletiva.<sup>46</sup> Esta alma, continua Le Bon, fá-los sentir, pensar e agir de uma maneira inteiramente diferente de como sentiria, pensaria e agiria cada um deles isoladamente.<sup>47</sup> Certas ideias e certos sentimentos só surgem e se transformam em atos nos indivíduos constituídos em multidão. A massa psicológica é um ser provisório composto de elementos heterogêneos, ligados durante um instante, exatamente como as células de um corpo vivo formam, por sua reunião, um novo ser, que apresenta caracteres muito diferentes dos que possui cada uma das citadas células, define Le Bon.<sup>48</sup>

Dessa forma, interfere Freud, se os indivíduos que fazem parte de uma multidão se acham fundidos em uma unidade, deve existir algo que os ligue uns aos outros e este algo poderia muito bem ser aquilo que caracteriza a massa.<sup>49</sup> Partindo dessa premissa, parece-nos que o credo verde não conseguiu (ou não teve a intenção) encontrar um ingrediente que pudesse agrupar a massa olimpiense em torno de seu projeto político. O sertanejo talvez não tenha conseguido enxergar nas propostas integralistas algo que lhe fosse familiar e comum a todos e que lhe estivesse diretamente relacionado. Le Bon relata que para que os membros de um grupo humano, accidentalmente reunidos, cheguem a formar algo semelhante a uma massa, no sentido psicológico do termo, é condição indispensável que entre os indivíduos exista algo de comum, que um mesmo interesse os ligue a um mesmo objetivo, que experimentem os mesmos sentimentos em presença de uma dada situação e que possuam, em certa medida, a faculdade de influírem uns sobre os

---

<sup>46</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 12.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 12.

outros.<sup>50</sup> Sendo assim, podemos concluir que o “algo de comum” proposto pela Ação Integralista só foi capaz de “ligar” os intelectuais.

Convenhamos que para quem vivia no sertão paulista, era complicado se aglutinar em torno de ideias desconhecidas ou quase como antiliberalismo, anticomunismo, anti-semitismo, fascismo, corporativismo, nacionalismo, Estado Integral, etc. e se caracterizar assim como massa. Hélgio Trindade mostra que as principais motivações de adesão à A.I.B. dos dirigentes e militantes de base foram: anticomunismo, simpatia pelos fascismos europeus, nacionalismo, oposição ao sistema político da época, valores autoritários, valores espirituais, corporativismo, desenvolvimento do país e anti-semitismo.<sup>51</sup> Exatamente estes temas eram explorados e exaltados pela propaganda integralista em Olympia. É necessário dizer também, que outra dificuldade para mobilizar a massa no município foi a completa ausência de movimentos fortes e antagônicos ao integralismo, como o comunismo. Não existiu o embate ideológico e mesmo físico que pudesse servir de parâmetro para as pessoas tomar partido e se aglomerar em torno de uma ou outra ideia. Mac Dougall acredita que uma das condições principais para o estabelecimento de uma multidão é que ela se encontre em relação com outras formações coletivas análogas, mas diferentes, entretanto, em diversos aspectos, inclusive que rivalizem com ela.<sup>52</sup>

Seguindo o pensamento de Le Bon, numa multidão as aquisições individuais se apagam, desaparecendo assim a personalidade de cada um dos que a integram, o inconsciente social surge em primeiro termo e o heterogêneo funde-se no homogêneo e a superestrutura psíquica, tão diversamente desenvolvida em cada indivíduo, fica destruída, aparecendo nua a base inconsciente uniforme, comum a

<sup>50</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 27-28.

<sup>51</sup> TRINDADE, Hélgio. *Integralismo – O fascismo brasileiro na década de 30*. P. 153.

<sup>52</sup> DOUGALL, Mac. In. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 31.

todos.<sup>53</sup> Le Bon segue explicando que o primeiro caractere peculiar do indivíduo integrado numa multidão é a aquisição, pelo único fator do número, de um sentimento de potência invencível, graças ao qual pode se permitir ceder a instintos que antes, como indivíduo isolado, teria forçosamente refreado.<sup>54</sup> Sendo a multidão anônima e irresponsável, desaparecerá no indivíduo o sentimento da responsabilidade, poderoso e constante freio dos impulsos individuais.<sup>55</sup> O segundo caractere apresentado por Le Bon faz lembrar a incapacidade dos camisas-verdes em contagiar a população com suas ideias. O contágio mental intervém igualmente para determinar nas multidões a manifestação de caracteres especiais e, ao mesmo tempo, sua orientação, diz Gustave Le Bon. O contágio é um fenômeno facilmente verificável embora ainda inexplicado e que deverá ser ligado aos fenômenos de ordem hipnótica.<sup>56</sup> Dentro de uma multidão, todo sentimento e todo ato são contagiosos, até o ponto do indivíduo sacrificar facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo, aptidão contrária a sua natureza e da qual o homem só se torna suscetível quando faz parte de uma multidão.<sup>57</sup> Transportando a questão para Olympia, os intelectuais integralistas não obtiveram êxito em contagiar ou hipnotizar a população com suas ideias, não só pela dificuldade em torná-las comprehensíveis como também por não haver adequado a propaganda à realidade local. Os discursos inflamados dos cultos camisas-verdes até encantavam, fascinavam, mas soavam como retórica, ficando longe de magnetizar, de atrair a população do sertão, muito mais preocupada com seus problemas domésticos, e muito menos reuniu forças para promover uma mobilização da massa, fazer com que esta perdesse sua

---

<sup>53</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 13.

<sup>54</sup> Idem. P. 14.

<sup>55</sup> Ibidem.

<sup>56</sup> Idem. P. 15.

<sup>57</sup> Ibidem.

personalidade consciente, obedecesse às sugestões integralistas e praticasse atos contrários a seu caráter e seus costumes sertanejos.

A multidão só reage a estímulos muito intensos e para influir sobre ela é inútil argumentar logicamente, pois essa reação só poderá ser atingida apresentando imagens de cores vivas e repetindo uma e outra vez as mesmas coisas, afirma Le Bon. O discurso integralista em Olympia seguiu a norma da argumentação lógica, limitando-se a mostrar o que e quem estaria errado e o que e quem teria a solução de tudo. Os artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia” não pintaram com cores vivas as imagens que poderiam estimular a população a aderir ao projeto político integralista, como fizeram os fascistas na Itália e os nazistas alemães. Eram artigos extremamente doutrinários, abstratos e empregavam contornos que a massa poderia considerar enfadonha e mesmo não compreender.

No livro *Nazismo – Triunfo da Vontade*, Alcir Lenharo afirma que Adolf Hitler teceu inúmeras considerações em *Mein Kampf* sobre o tema da propaganda de massas.<sup>58</sup> Hitler tinha uma visão sobre o que veicular, levando em conta o que ele pensava sobre as condições médias do receptor a ser atingido e à técnica mesmo, que chegou a níveis impressionantes de aproveitamento, tanto na etapa de preparação para o poder, quanto após sua conquista.<sup>59</sup> Hitler, segundo Lenharo, considerava que a propaganda sempre deveria ser popular, dirigida às massas, desenvolvida de modo a levar em conta um nível de compreensão dos mais baixos. O autor de *Mein Kampf* dizia que “as grandes massas têm uma capacidade de recepção muito limitada, uma inteligência modesta, uma memória fraca” e por isso mesmo a propaganda deveria restringir-se a pouquíssimos pontos, repetidos

---

<sup>58</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo – O Triunfo da Vontade*. P. 47.

<sup>59</sup> Idem.

incessantemente.<sup>60</sup> Se os inimigos eram muitos (no caso do Integralismo: liberalismo, comunismo, socialismo, judeus, partidos, sufrágio universal), para não dispersar o ódio das massas, seria preciso mostrar que eles pertenciam à mesma categoria, sem individualizar o adversário.<sup>61</sup> Lenharo afirma que o essencial da propaganda nazista visava atingir o coração das grandes massas, compreender seu mundo maniqueísta, representar seus sentimentos. A massa, continua Lenharo, seria como as mulheres, cuja sensibilidade não captaria os argumentos de natureza abstrata, mas seria tocada por uma “vaga e sentimental nostalgia por algo forte que as completasse”.<sup>62</sup> Para Hitler, tudo interessava no jogo da propaganda: mentiras, calúnias e para mentir, que fosse grande a mentira, pois não passaria pela cabeça das pessoas ser possível arquitetar tão profunda falsificação da verdade.<sup>63</sup>

O líder nazista concebia que “a propaganda devia preceder a organização, conquistando o material humano necessário a esta”. Hitler afirmava que um grande teórico raramente seria um grande organizador, pois o valor do teórico consistiria, em primeiro lugar, na noção de definição de leis abstratamente exatas, enquanto o organizador deveria ser em primeiro lugar um conhecedor da psicologia popular, devendo ver os homens como eles são na realidade.<sup>64</sup> O movimento integralista no sertão limitou-se a ter em seus quadros apenas teóricos, não conseguindo formar o que Hitler chamou de “agitador capaz de comunicar uma ideia à grande massa, um conhecedor da psicologia do povo, mesmo que fosse um demagogo”.<sup>65</sup>

---

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Idem. P. 48.

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. P. 263.

<sup>65</sup> Idem. P. 264.

Para ser chefe, dizia Hitler, era preciso ter a capacidade de movimentar massas e a capacidade intelectual nada tinha a ver com a capacidade de comando e a mais bela doutrina não teria nem finalidade nem eficiência se o líder não conseguisse empolgar as massas.<sup>66</sup> No capítulo destinado à Propaganda e Organização, Hitler escreveu o seguinte: “em cada grande movimento destinado a revolucionar o mundo, a propaganda primeiramente terá de divulgar a ideia do mesmo. Incessantemente terá de esclarecer as massas sobre as novas ideias, atraí-las para as suas fileiras ou, pelo menos, abalar as crenças em voga”.<sup>67</sup>

Na Itália, Benito Mussolini empregava sempre o mesmo princípio como propaganda: o exagero, a ameaça, a injeção do medo nas massas e a deflagração de êxtase, de delírios nas multidões.<sup>68</sup> Em todos os seus discursos, Mussolini, como Hitler, recorria a ameaças e tinha sempre cuidado de marcar suas palavras pela evocação de ações brutais e de penas corporais em termos francos. Falava sempre em punhais, fuzis, canhões e seu método de violência específico, de que era o inventor incontestável, marcava todo o ridículo e o charlatanesco de sua figura de opereta, o óleo de rícino, lembra Serge Tchakhotine.<sup>69</sup> Mussolini era caracterizado por suas bravatas, lançadas ao vento, sem se dar conta do efeito ridículo que provocavam no exterior.<sup>70</sup> Segundo Tchakhotine, Mussolini tinha também um culto ilimitado da violência, não tinha escrúulos e não hesitava, servindo aos interesses capitalistas, em iludir as massas com falsas imitações dos ideais socialistas. Muitos diziam, explica Tchakhotine, que Mussolini e o fascismo eram, apesar de tudo, um fenômeno de soerguimento, de revolta das classes médias, que representavam um acontecimento lógico da evolução materialista da nossa história. Sobre o uso da

---

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> Idem. P. 266.

<sup>68</sup> TCHAKHOTINE, Serge. *A Mistificação das Massas pela Propaganda Política*. P. 375.

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Idem.

violência, Gustave Le Bon explica que a multidão é tão autoritária como intolerante, respeita a força e não vê na bondade mais que uma espécie de debilidade que a impressiona muito pouco e o que a multidão exige de seus heróis é a força e a violência, quer ser dominada, subjugada e temer seu amo.<sup>71</sup>

A respeito dos dirigentes das multidões é também interessante recorrer à exposição de Le Bon. Segundo ele, quando certo número de seres vivos se reúne, quer se trate de um rebanho ou de uma multidão humana, os elementos individuais se colocam instintivamente sob a autoridade de um chefe. A multidão é um rebanho dócil, incapaz de viver sem amo, possuindo tal sede de obediência que se submete instintivamente àquele que se erige como chefe.<sup>72</sup> O chefe, continua Le Bon, precisa possuir certas aptidões pessoais, deverá se achar empolgado por uma fé intensa (numa ideia), para poder criar a mesma fé na multidão, ao mesmo tempo possuir uma vontade potente e imperiosa, suscetível de animar a multidão, carente, por si mesma, de vontade.<sup>73</sup>

A fé e a empolgação dos camisas-verdes ficava restrita aos encontros na sede, às conferências no teatro e aos artigos no jornal. Enquanto a maior parte da população que habitava a Olympia dos anos 30 poderia ser rotulada de dócil pelas próprias características da vida no sertão paulista, alheia, como já dissemos, à maioria dos grandes problemas nacionais, vivendo o ruralismo, com um cotidiano corriqueiro limitado ao trabalho na roça e ao repouso de suas casas, com raríssimas idas à cidade. Essa gente esparsa pelas fazendas, sem nenhuma empolgação numa fé ou ideia universal, possuía um chefe, ou melhor, uma multiplicidade de chefes representados na figura dos coronéis cafeicultores.

---

<sup>71</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 19.

<sup>72</sup> Idem. P. 22.

<sup>73</sup> Ibidem.

Le Bon atribui aos dirigentes de multidão um poder misterioso e irresistível, ao qual dá o nome de “prestígio”, classificando como uma espécie de fascinação que um indivíduo, uma obra ou uma ideia exercem sobre o espírito. É esta fascinação que paralisa todas as nossas faculdades críticas e enche nossa alma de assombro e respeito, diz Le Bon.<sup>74</sup> Existem, prossegue Le Bon, o prestígio adquirido ou artificial e o prestígio pessoal, sendo o primeiro conferido às pessoas por seu nome, sua riqueza ou sua honorabilidade.<sup>75</sup> Era exatamente esse o tipo de prestígio de que gozavam os integralistas locais: competentes profissionais liberais, homens de reputação ilibada, considerados intelectuais de primeira linha, grandes oradores, benfeiteiros da sociedade e, portanto, pessoas de enorme prestígio social. Entretanto, faltou aos camisas-verdes o que Le Bon chama de prestígio pessoal, adorno de que muitos poucos gozam, mas estes poucos se impõem pelo mesmo fato de possuí-lo, como chefes, e se fazem obedecer como se possuíssem um talismã mágico.<sup>76</sup>

O Núcleo Municipal da A.I.B. só possuiu chefe enquanto dirigente, diretor, aquele encarregado de coordenar os trabalhos desenvolvidos em Olympia, sem nunca ter se constituído naquele indivíduo capaz de magnetizar o povo e mobilizá-lo em torno de ideias, compondo desta maneira uma massa homogênea. Povo que, aliás, parecia não passar de uma mera designação social, uma realidade subalterna e disgregada, fundamentalmente excluído de participação pelos integralistas do sertão.<sup>77</sup>

Emilio Gentile observa que o fascismo italiano foi um fenômeno novo surgido, como outros movimentos da história contemporânea, dos conflitos inerentes

---

<sup>74</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 22.

<sup>75</sup> Idem. P. 22-23.

<sup>76</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 23.

<sup>77</sup> COLLIVA, Paolo. *Povo*. In Dicionário de Política. P. 987.

à moderna sociedade de massas, que se atormenta na busca de uma solução para o problema das massas e do Estado, em uma época de rápidas transformações.<sup>78</sup>

Para Renzo de Felice, o fascismo italiano sempre teve tendência a criar nas massas a sensação de estarem permanentemente mobilizadas, de terem uma relação direta com o chefe (porque este é capaz de se fazer o intérprete ativo das suas aspirações).<sup>79</sup> O fascismo se afirmou através de um regime político de massa (no sentido de uma mobilização contínua das massas e de uma relação direta e sem intermediários chefe-massa) baseado no sistema do partido único e da milícia do partido e imposto através de um regime policial e de um controle de todas as fontes de informação e propaganda, completa Renzo de Felice.<sup>80</sup> Já Walter Benjamin chama a atenção para a importância das massas na história presente e para a dificuldade que o fascismo encontrava em atender seus anseios básicos. O fascismo nem cogitava em alterar o regime de propriedade.<sup>81</sup> Ao pretender organizar as massas, continua Benjamin, o fascismo não admitia que elas fizessem valer seus direitos, mas que apenas “se expressassem”. O resultado, conclui Benjamin, é que o fascismo “tende naturalmente a uma estetização da vida política”.<sup>82</sup>

O integralismo-fascismo em Olympia em momento algum conseguiu mobilizar os camponeses em torno de suas ideias chaves. Se, por um lado, o integralismo contava em Olympia com um tipo de ambiente onde um movimento de tendência fascista poderia prosperar: predominância de uma economia agrário-latifundiária (Olympia destacava-se na produção de café, grãos e pecuária e possuía grandes propriedades rurais) e onde havia a possibilidade de criar uma nova classe dirigente arregimentada junto à pequena e média burguesia local (a política

<sup>78</sup> GENTILE, Emilio, FELICE, Renzo de. *A Itália de Mussolini e a Origem do Fascismo*. P. 10.

<sup>79</sup> FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. P. 286.

<sup>80</sup> Idem. P. 25.

<sup>81</sup> BENJAMIN, Walter. In *Nazismo – O Triunfo da Vontade*. P. 36.

<sup>82</sup> Idem.

municipal estava nas mãos da velha oligarquia), por outro, esbarrou, principalmente, na ausência de uma acentuada crise econômica e na inexistência de embates sociais e políticos, como incidiu na Itália. Não havia no sertão nem mesmo uma moderna sociedade de massas<sup>83</sup> e seus conflitos inerentes, como na Itália do pós-guerra. A Olympia da década de 30 tinha como principal atividade econômica a produção de café, a maioria da população tinha baixo índice de consumo de bens e serviços (as grandes propriedades eram quase auto-suficientes), a participação na vida política era restrita (predominava o poder oligárquico, aqui entendido como Platão: os ricos governam, enquanto o pobre não pode partilhar o poder), sem inserção nos meios de comunicação de massa, fraco processo de modernização (poucas indústrias e serviços) e grande concentração de habitantes na zona rural. A sociedade olimpiense era “tradicional”, seguia os padrões da década de 30 nesse pedaço do sertão, ou seja, caracterizada por uma baixa acessibilidade das elites (aristocracias fechadas) e por uma fraca plasmabilidade das massas, cuja vida era regida por normas tradicionais.

Nunca é demais insistir que os intelectuais integralistas tinham um discurso fascista, pertenciam à pequena burguesia e não eram políticos da velha estirpe, mas que se abstiveram de ações de mobilização dos trabalhadores do campo e mesmo da cidade e que fracassaram na tentativa de criar uma nova camada dirigente local. A própria participação da A.I.B. nas eleições municipais foi

---

<sup>83</sup> Uma sociedade de massa pode ser definida como uma sociedade em que a grande maioria da população se acha envolvida, seguindo modelos de comportamento generalizados, na produção em larga escala, na distribuição e consumo dos bens e serviços, tomando igualmente parte na vida política, mediante padrões generalizados de participação, e na vida cultural, através do uso dos meios de comunicação de massa. Essa sociedade de massa surge num estágio avançado do processo de modernização: quer quanto ao desenvolvimento econômico, com a concentração da indústria na produção de bens de massa e o emergir de um setor terciário cada vez mais imponente; quer quanto à urbanização, com a concentração da maior parte da população e das instituições e atividades sociais mais importantes nas grandes cidades e nas megalópoles. ORTEGATI, Cassio. In. *Sociedade de Massa*. Dicionário de Política. P. 1.212.

insignificante, resumindo-se a fazer um suplente de vereador em 1936<sup>84</sup> e ao apoio a um candidato a prefeito.<sup>85</sup> A Ação Integralista Brasileira em Olympia nem chegou a ser registrada em Cartório. Segundo Ítalo Galli, os integralistas disputavam as eleições filiados a outros partidos políticos da cidade, mas defendendo as ideias do Sigma, como fez José Lapa.

Uma hipótese para esse fracasso do integralismo local foi a existência de uma relação de “compadrio” entre os principais camisas-verdes e a classe dominante, constituída basicamente por proprietários rurais. Os mesmos médicos, dentistas e advogados integralistas tinham como seus principais clientes e mantenedores os latifundiários, que por sua vez, mantinham sob sua tutela os trabalhadores que o Sigma poderia ou deveria tentar mobilizar. Por isso, havia pouca ou nenhuma propensão em criar conflitos que pudessem prejudicar os “negócios” desses profissionais liberais. Afinal, a mentalidade oligárquica e localista dos latifundiários, no máximo preocupados com a variação do preço internacional do café, contrariava o pensamento integralista de luta contra os regionalismos que “ensanguentavam e dividiam a Nação”. Essa elite agrária de Olympia representava a velha elite (perrepista em sua maioria) que tanto “enojava” o movimento integralista. Uma elite que se pensava apenas local, sem espírito nacionalista, com seus partidos tradicionais bem parecidos com o que definiu Max Weber: partido pessoal, aquele destinado a obter benefícios, poder e, consequentemente, glória para os chefes e sequazes.<sup>86</sup> Assim, a luta da A.I.B. em Olympia teria que se direcionar contra essa elite e pela mobilização dos trabalhadores a ela subjugadas. Contudo, travar uma

---

<sup>84</sup> José Lapa disputou a eleição filiado ao P.C. (Partido Constitucionalista) e foi orientado pela chefia provincial a renunciar caso tivesse que assumir a cadeira de vereador, enquanto Sebastião Prado disputou a vereança pela Ação Integralista Brasileira e foi derrotado.

<sup>85</sup> Mario Vieira Marcondes foi eleito em 1933, mas não contou com a participação de integralistas em seu governo.

<sup>86</sup> WEBER, Max. In. *Partidos Políticos*. Dicionário de Política. P. 898.

luta contra a elite local poderia representar o fim da clientela nos consultórios e escritórios. Sendo assim, essa elite econômica do município não militou na A.I.B., mantendo-se fiel aos velhos partidos políticos, e nem foi incomodada pelas elites dirigentes que se tentava forjar no seio do integralismo.

Os camisas-verdes locais fracassaram ao tentar constituir a nova elite política, que seria formada preferencialmente por intelectuais, já que para isso teriam que destituir do poder político a velha burguesia cafeeira: só que falaram mais alto os interesses pessoais. Seria derrubar do poder político os mesmos indivíduos que contribuíam decisivamente para manter seu padrão de vida. Portanto, o discurso integralista em Olympia era contido e restrito ao espectro intelectual, sem pretensões de mobilizar as massas ou desbancar do poder político a elite dirigente. O movimento integralista mais parecia um encontro de academicistas. Enquanto na Itália o fascismo foi um fenômeno de participação política, onde as Casas de Fascio<sup>87</sup> nas pequenas cidades era um lugar de encontro e de convivência de camponeses e de funcionários públicos, o núcleo local da A.I.B., cujo discurso exaltava o fascismo, adotava uma posição distinta de exclusão das camadas populares. O núcleo parece ter constituído-se num lugar de encontro e sociabilidade exclusivamente de intelectuais, uma espécie de “fascio” circunscrito a estes.

Em Olympia, fica evidente que a Ação Integralista restringiu-se a um grupo de homens cultos, a uma elite intelectual que nem mesmo procurou moldar seu discurso para atingir o povo, na sua maioria trabalhadores do campo. Os próprios textos publicados no jornal “Cidade de Olympia” não objetivavam atingir as pessoas comuns. Eram textos eruditos, de difícil compreensão para a maior parte da

---

<sup>87</sup> No século XIX, o termo fascio foi adotado por uniões ou organizações populares, formadas na luta em defesa dos interesses de determinadas comunidades. Na Sicília, de 1891 a 1894, constituíram-se, por exemplo, vários fasci de camponeses, em geral liderados por socialistas, para reivindicar melhores contratos agrários. Quando se iniciou a 1ª Guerra Mundial, em 1914, formaram-se em vários lugares da Itália fasci patrióticos, preconizando a entrada do país no conflito.

população. Portanto, a intenção dos artigos era tocar somente a elite intelectual do município que tinha acesso ao jornal (médicos, advogados, dentistas, etc.). Os conteúdos dos artigos versavam sobre temas que estavam distantes da realidade de um município agrário do sertão paulista: anti-semitismo, liberalismo, comunismo, Marx, Bertrand, Comte, positivismo, Olbiano de Mello, Alberto Torres, fascismo, Oliveira Viana, Tristão de Athayde, salazarismo, nacionalismo. Os habitantes do sertão estavam preocupados mesmo era com as condições das estradas rurais, a falta de assistência médica, a carestia, a colheita das lavouras, a secagem do café, o amarelão, o impaludismo, a febre amarela, a luz elétrica, a pavimentação das ruas, o namoro no Largo da Matriz, a eleição municipal, a Estrada de Ferro São Paulo-Goyaz.

O artigo *Acção Integralista* foi revelador desse elitismo integralista no seguinte trecho: “*Hoje, neste próspero rincão de São Paulo, que é Olympia, graças à divulgação que temos feito, já não há pessoa culta que não conheça as idéias mestras da Acção Integralista...*”<sup>88</sup> No mesmo texto, Philemon da Matta elogiou a elite brasileira, a qual considerava igual às das mais velhas civilizações.<sup>89</sup> O próprio Philemon era denominado “homem de letras”. Sua filha, d. Maria Thereza de Godoy Ribeiro da Matta, comenta que seu pai era um homem voltado para a intelectualidade e era capaz de se empolgar com uma discussão em torno de um simples problema de gramática.<sup>90</sup>

Passemos então à análise de alguns artigos que mostram a elitização do movimento integralista e seu consequente distanciamento das camadas

---

<sup>88</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de fevereiro de 1933.

<sup>89</sup> Idem.

<sup>90</sup> A filha do Dr. Philemon Patrácio Ribeiro da Matta, nasceu em Lorena, em 29 de março de 1920, formada em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco, foi escrivã no Fórum de São Paulo. Morou em Severínia entre 1925 e 1938. Concedeu entrevista ao autor em 17 de dezembro de 2002, em São Paulo.

populares locais. No artigo intitulado *A “S.E.P.”*, o jornal “Cidade de Olympia” revelou a quem se destinavam as informações sobre essa sociedade recém-criada por Plínio Salgado: “...aos moços de Olympia, aos estudiosos e intellectuaes, a quem, amanhã, serão confiados os destinos da nossa pátria.”<sup>91</sup> O autor (não identificado, mas provavelmente Philemon) completou que gostaria de ver no movimento figuras como Luiz Cruz Martins, os doutores Bianor de Medeiros, Custódio de Carvalho e Edison de Mello, todos membros da pequena burguesia e da elite intelectual da cidade.<sup>92</sup> Na divulgação do Manifesto de Outubro, que criou a A.I.B., Philemon da Matta comentou que a publicação das ideias de Plínio estavam provocando o maior interesse dos intelectuais do país<sup>93</sup> e que as palavras do chefe nacional eram dirigidas a “todos os homens de cultura e pensamento”.<sup>94</sup> Não há referências nos textos de Philemon da Matta às massas desvalidas que viviam no sertão daquela época. Fica evidente que Philemon enxergava a Ação Integralista como um movimento de intelectuais e aos quais deveriam ser entregues os destinos da Nação. Fica a impressão de que Matta dividia a sociedade em duas castas: uma, a intelectual, que seria responsável pela administração do país (de preferência, a intelectualidade integralista) e outra, a massa, responsável pela produção manual. Isto nos remete ao pensamento desenvolvido por Nicos Poulantzas sobre a imagem do trabalho intelectual (saber-poder) materializada em aparelhos de Estado, face ao trabalho manual tendencialmente polarizado em massas populares separadas e excluídas das funções organizacionais.<sup>95</sup> Poulantzas afirma que o Estado encarna no conjunto de seus aparelhos, isto é, não apenas em seus aparelhos ideológicos

<sup>91</sup> A “S.E.P.”. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de maio de 1932.

<sup>92</sup> Idem.

<sup>93</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 4 de dezembro de 1932.

<sup>94</sup> Idem. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 11 de dezembro de 1932.

<sup>95</sup> POULANTZAS, Nicos. *O Estado, O Poder, O Socialismo*. P. 63.

mas igualmente em seus aparelhos repressivos e econômicos, o trabalho intelectual enquanto afastado do trabalho manual. É no Estado capitalista que a relação orgânica entre trabalho intelectual e dominação política, entre saber e poder, se efetua de maneira mais acabada. Esse Estado, completa Poulantzas, afastado das relações de produção, situa-se precisamente ao lado do trabalho intelectual ele mesmo separado do trabalho manual.<sup>96</sup> O pensamento de Philemon da Matta parece seguir na direção do paradigma do saber-poder, ou seja, julgava o trabalhador manual inepto à participação política e, consequentemente, às funções organizacionais, devendo permanecer estático na sua missão de produzir, enquanto o trabalhador intelectual se incumbiria da política e administração do Estado. Seria o que Poulantzas chamou de monopolização permanente do saber por parte do Estado-sábio-locutor, por parte de seus aparelhos e de seus agentes, que determina igualmente as funções de organização e de direção do Estado, funções centralizadas em sua separação específica das massas.<sup>97</sup>

No Natal de 1932, Philemon afirmou que não haveria “espírito culto” que não tivesse se interessado pelas ideias do Sigma, até mesmo na zona onde se localizava Olympia.<sup>98</sup> São interessantes os comentários contidos no artigo de Sylvino Costa Moraes feitos em 1933 sobre integralismo e parlamentarismo. Nele, o antiintegralista Sylvino insinuou que somente um povo inculto aceitaria o integralismo, aquele que usurparia a soberania do povo e dos Estados.<sup>99</sup> Ele entendia que os integralistas pretendiam burlar as massas e os incautos. Mais

---

<sup>96</sup> Idem. P. 62.

<sup>97</sup> Idem. P. 63.

<sup>98</sup> Idem. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de dezembro de 1932.

<sup>99</sup> MORAES, Sylvino Costa. *Qual será o melhor regimen político-social de um povo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 5 de fevereiro de 1933.

adiante, o autor comentou que se integralismo e parlamentarismo<sup>100</sup>, por ele classificados como “grupos burgueses”, ainda encontravam adeptos era porque “a nossa instrução e a nossa educação político-social ainda estariam medíocres e as massas não poderiam discernir o bom do mau, o competente do incompetente”.<sup>101</sup> Sylvino Moraes acreditava que o único regime político-social bom para o Brasil seria aquele que com o reformismo socialista espalhasse instrução e educação por todas as camadas.<sup>102</sup> Num certo sentido, as ideias do autor do artigo e dos camisas-verdes convergiam, pois ambos defendiam a instrução, com a diferença de que Sylvino pretendia a instrução para todas as camadas, o que parecia não ser a preocupação dos intelectuais integralistas.

Se por um lado Philemon da Matta havia elogiado as elites brasileiras, comparando-as às das mais velhas civilizações, no artigo em que comentou a realização de um congresso de sociologia, chamou até os intelectuais brasileiros de cábila de ignorantes:

*“Enquanto lá fora, as raças cultivam a saúde e a força, enquanto embellezam e enriquecem o espírito, com as artes, com as sciencias, bem assimiladas por que bem ministradas; nós, brasileiros, vivemos a vida torva de todas as endemias, endemias physicas, o amarellão, o impaludismo, a falta até de comer trigo; endemias moraes e intellectuaes, porque somos, mesmo os lettrados, uma cábila de ignorantes. E foi a ignorância que catastrophou a velha república, que não quis comprehender a hora do século.”<sup>103</sup>*

O integralismo surgia aos olhos do dr. Philemon como um movimento de intelectuais (uma plêiade brilhante de intelectuais), que estariam prontos para

---

<sup>100</sup> Sylvino Costa Moraes dizia que os filiados à velha e decaída escola parlamentarista tentavam provar suas vantagens salvacionistas e que o mal do Brasil era o presidencialismo.

<sup>101</sup> Idem.

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Um Congresso de Sociologia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 26 de março de 1933.

tornar o Brasil “grande, formoso e feliz”. Ao que parece, o camisa-verde não divisava a A.I.B. como um movimento de massa e, por isso, não tenha ao menos dirigido seus escritos para essa massa, elitizando seu discurso. Ele sempre propunha em seus artigos que os “moços cultos e patriotas” meditassem sobre as ideias integralistas. Referência às massas só aparece em dois artigos de Philemon. No primeiro, ele pedia ao governo provisório a anistia aos presos políticos e anunciava que “o gigante (Brasil) havia se levantado para exigir, entre outras coisas, que não queria o proletariado oprimido, vivendo como cães ao desamparo”<sup>104</sup> e, no segundo, procurava demonstrar que a democracia iludia os que produziam, os que trabalhavam, os proletários das cidades e do campo.<sup>105</sup> O texto é emblemático na medida que confirma o elitismo de Philemon e sua ideia de que apenas os intelectuais deveriam governar para as massas e não com as massas: “A Democracia é o reino da incompetência. Ponham-se aqui estas verdades de João Ameal: “Para se adquirir uma competência determinada, foi preciso seguir um curso, realizar certos estudos, trabalhar durante longos annos. E, quando se chega ao fim, apparece o voto anonymo e leviano dos incompetentes – e é esse que decide”<sup>106</sup> E concluiu: “Em toda parte do mundo a maioria foi sempre de incompetentes. E, como é a maioria que escolhe, que governa – segue-se que é o maior número de incompetentes, que teem de escolher as competências. No nosso Congresso, podemos citar, a dedo, os que tinham real valor, como homens de sólido saber. E deve o Brasil continuar sob o reino da incompetência?”<sup>107</sup> Philemon provavelmente responderia não, pois o integralismo e seus homens cultos estariam prontos para salvar o país da incompetência.

---

<sup>104</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *A Amnistia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de outubro de 1933.

<sup>105</sup> Idem. *Democracia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 4 de março de 1934.

<sup>106</sup> Idem.

<sup>107</sup> Idem.

A Ação Integralista Brasileira condenava o sufrágio universal por achar que o voto universal favoreceria a vitória dos que dispusessem de mais dinheiro, deturpando a verdadeira expressão da vontade popular. O integralismo defendia a democracia orgânica, que tomaria por base não o homem-cívico isolado da liberal-democracia, mas o homem em função dos grupos naturais, que protegeriam sua personalidade e assegurariam sua autonomia. Mas em Olympia não houve preocupação em mobilizar nem mesmo o principal grupo natural local, os trabalhadores do campo.

Apenas dois artigos publicados no semanário “Cidade de Olympia” remetiam à mobilização das massas. Sem identificar o autor, o texto de 1934 revelava as pretensões do movimento no sentido de levantar as populações brasileiras, lançar as bases de um sistema educacional, insuflar a energia aos moços e movimentar as massas populares numa grande afirmação de rejuvenescimento.<sup>108</sup> Em 1935, o artigo assinado por S.P. (provavelmente Sylviano Pinto, militante do Sigma) atacava “o capitalismo desenfreado, provocador dos alardos de greve e de fome que roubava do proletariado o trabalho”. O autor proclamava que a doutrina integralista defenderia os direitos dos proletários e tornaria suas vidas dignas.<sup>109</sup> S.P. tentava mostrar um integralismo compreensivo com o fato do proletariado militar nas hostes comunistas e socialistas: “...é porque em face do pauperrismo que ameaçou a sua casa, elle pretende apenas melhorar de vida, é porque notou que os grandes capitalistas não estendem um olhar para a sua habitação cheia de tristeza e desprovida de recursos.”<sup>110</sup> Parece-nos que em Olympia os letRADOS camisas-verdes também não lançaram seu olhar para as habitações das colônias rurais, cheias de tristeza e desprovidas de recursos. Este foi

<sup>108</sup> *O que pretende o Integralismo.* Jornal “Cidade de Olympia”, 23 de dezembro de 1934.

<sup>109</sup> S.P.. *O operariado em face do Integralismo.* Jornal “Cidade de Olympia”, 2 de junho de 1935.

<sup>110</sup> Idem.

o único artigo integralista dirigido diretamente ao operariado. É importante ressaltar que um artigo dirigido ao operariado em Olympia só poderia ser considerado relevante, em termos mobilizatórios, se estendêssemos a designação de “operários” aos trabalhadores do campo, explorado pelo capitalismo agrário. Havia um reduzido número de trabalhadores urbanos distribuídos pelo comércio, serviços e pequenas indústrias, especialmente máquinas de beneficiamento de grãos.

O discurso integralista em Olympia mostrava o proletário sempre como um infeliz, um ignorante, um instrumento inconsciente que serviria aos apetites do comunismo, enquanto o integralismo era elevado à condição de único competente para resolver todos os problemas que o afligia. Fuad Daud mostra isso claramente quando apelou aos proletários para que refletissem entre comunismo e integralismo: *“Attentae bem! Raciocene um pouco! Buscae luz no cérebro embora frágeis de cultura! Compare! Analysae os factos! Meditae como se aproveitam da vossa ignorância, como se fartam della!”*<sup>111</sup> O camisa-verde olimpiense buscou comparar o espiritualismo integralista do materialismo comunista: *“Perguntae a si próprios porque a primeira coisa que vos offerece o communismo é em grau superlativo! Satisfazer o estomago, exclusivamente o estomago! Promettem fortuna, poder!! E no entanto, prestae attenção, nem siquer tocam nas necessidades do espírito; esquecem se de propósito de aclarar a vossa intelligencia!”*<sup>112</sup> O autor do artigo explicou que os comunistas desejavam “seus soldados” sem cultura, sem talento e sabedoria, pois precisariam agir com uma tropa ignorante para que os lucros da vitória não fossem discutidos, divididos ou cobiçados. Para Daud, o comunismo representaria a mentira, a desordem, a violência e a ignorância, enquanto o

---

<sup>111</sup> DAUD, Fuad. *Esboço de uma Vitória*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de setembro de 1935.

<sup>112</sup> Idem.

integralismo seria a sinceridade, a paz, o equilíbrio, a cultura, o progresso, a ventura e a estabilidade social com remuneração justa das classes.

Originado de um grupo de intelectuais chefiado por Plínio Salgado, a Ação Integralista insurgia-se contra o “desprezo” que a liberal-democracia burguesa teria perpetrado contra os intelectuais. Neste sentido, os militantes da A.I.B. de Olympia pareciam muito mais preocupados em resgatar a importância dos intelectuais, isto é, a sua própria importância, pois julgavam-se os únicos aptos a salvar o Brasil, do que em desencadear um movimento de massas no município. No fundo, os camisas-verdes locais parecem ter elevado ao paroxismo a exaltação aos intelectuais e se esqueceram que para chegar ao poder, fosse local, estadual ou nacional teriam que contar com o apoio das massas.

O fundador do núcleo local da A.I.B., Ruy do Amaral, admite atualmente que a assimilação das ideias integralistas pela população do sertão era relativamente pequena, pois o integralismo sendo uma doutrina que implicava conceitos filosóficos, políticos e sociológicos era muito difícil de ser transmitido para a massa.<sup>113</sup> Sendo assim, os estudos ficavam restritos à própria Ação Integralista e a propaganda limitava- se à defesa da pátria, dos princípios maiores da civilização, consubstanciada na trilogia Deus, Pátria e Família.<sup>114</sup>

Ruy do Amaral observa que o movimento integralista em Olympia nunca chegou a atingir um número grande de adeptos, no máximo entre 100 e 200 membros: “*Praticamente foi um movimento, não digo de intelectuais, mas um movimento assim que se circunscreveu a um núcleo que tinha uma certa elite, que não era a grande massa, que não estava preparada para os ensinamentos que a*

---

<sup>113</sup> Entrevista concedida ao autor.

<sup>114</sup> Idem.

*gente queria proporcionar.*<sup>115</sup> Amaral entende que a A.I.B. provocava uma forte atração entre os intelectuais e a elite pensante do país, especialmente sobre os que nutriam simpatia pelo movimento filosófico de origem direitista originado na Europa (nazismo e fascismo) e de certa forma o integralismo.<sup>116</sup>

A Ação Integralista Brasileira tornou-se na década de 30 o primeiro partido de massa do Brasil, mas sem abandonar um discurso elitista, de caráter intelectualista de que os destinos do país deveriam ser conduzidos pela elite intelectual. Tanto que duas das principais obras de Plínio Salgado sobre o movimento foram endereçadas a platéias distintas. O livro *O que é o Integralismo* destinava-se às massas populares com o propósito de esclarecer aos operários das cidades e aos trabalhadores do campo, ao soldado e ao marinheiro, ao estudante que ainda não havia atingido os cursos superiores, aos pequenos proprietários e comerciantes<sup>117</sup> o que pretendia o movimento. Plínio combatia o sufrágio universal acusando o sistema de ser um “engodo das turbas”, pois facilitaria a formação de sindicatos políticos, que explorariam com o ouro internacional a matéria-prima do voto.<sup>118</sup> Na verdade, o chefe nacional considerava a maioria da população brasileira inepta para votar e isso justificaria estabelecer o domínio de uma elite intelectual. Já no livro *Psicologia da Revolução*, destinado aos intelectuais, Plínio falava de uma democracia bárbara que existia no Brasil desde os primórdios da colonização, pois a geografia do país permitia aos colonos desfrutarem uma ampla liberdade.<sup>119</sup> Plínio fazia uma crítica às elites cultas do Rio de Janeiro e do litoral, que para ele viviam uma vida francesa e inglesa.<sup>120</sup>

---

<sup>115</sup> Idem.

<sup>116</sup> Idem.

<sup>117</sup> SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*. P. 17.

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. P.134-135.

<sup>120</sup> Idem.

Sobre a massa, Plínio Salgado afirmava no livro *Espírito da Burguesia* que a massa era aquela que seguia ao “ritmo unissoante” dos hábitos gerais e dos comuns desejos e onde o ente humano perdia seus traços peculiares. Dessa forma, na massa já não existiria o que chamamos de povo, isto é, a associação de pessoas distintas, cada qual conservando o seu próprio caráter, explicava Plínio.<sup>121</sup> O chefe nacional dizia que na massa tudo seria “descategorizado” e que o sistema de seus movimentos estaria baseado no “feroz individualismo”, fazendo tábua rasa dos deveres de cada ser humano em relação aos grupos originados.<sup>122</sup> A massa, continuava Plínio, mover-se-ia sem consciência, sem destino, sem auto-direção, submetendo-se a determinações externas por ser incapaz de gerar, por si mesma, qualquer movimento. Inteligência e vontade seriam dois termos que não poderiam existir na massa, porque seriam incompatíveis com ela, esclarecia Plínio.<sup>123</sup>

A maioria dos integralistas que participavam do movimento em Olympia, mesmo vivendo no “hinterland”, levava uma vida à “moda francesa e inglesa”, tendo acesso a um cabedal de cultura que poucos conseguiam vivendo no sertão. Possuíam curso superior ou estavam cursando (medicina, direito, odontologia), liam os últimos lançamentos literários, viajavam constantemente à Capital, recebiam jornais da capital, enfim, forjavam-se intelectuais dentro do que havia de mais sofisticado. O médico Philemon Ribeiro da Matta recebia regularmente publicações da A.I.B. enviadas pela sede paulistana. O advogado Ruy do Amaral conta que seu pai, José Benedito Nino do Amaral (outro integralista), possuía um grande acervo e formava a maior biblioteca particular da cidade.

---

<sup>121</sup> SALGADO, Plínio. *Espírito da Burguesia*. In: Obras Completas. P. 87.

<sup>122</sup> Idem.

<sup>123</sup> Idem. P. 88.

Por outro lado, o aspecto da composição social do integralismo em Olympia assemelhava-se ao fascismo<sup>124</sup>. A maioria dos militantes da A.I.B. local era oriunda da pequena burguesia, constituída basicamente por profissionais liberais. Philemon Ribeiro da Matta era médico, Nino do Amaral, Ruy do Amaral, Sylviano Pinto e Ítalo Galli eram advogados, Sebastião Prato era dentista e Leonardo Posella Segundo era engenheiro, apenas para citar os mais importantes. Os militantes sem curso superior ocupavam uma posição secundária na hierarquia do núcleo. Entretanto, essa pequena burguesia intelectual que compunha o movimento, como vimos, foi incapaz de promover a mobilização da massa local, como fez o fascismo na Itália.

A composição social do núcleo de Olympia seguia o padrão da maioria dos núcleos da Ação Integralista. A base de comparação é a pesquisa feita por Hélgio Trindade a respeito da estrutura social dos dirigentes e militantes locais. Segundo o autor de “Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30”, o grupo majoritário que compunha os dirigentes e militantes locais era a pequena burguesia formada pelos burocratas dos setores público e privado, que representava cerca de 40% do conjunto dos dirigentes e militantes locais, ainda que as camadas populares (operários de indústrias, trabalhadores agrícolas e independentes) constituíam quase um quarto da base do movimento.<sup>125</sup> A diferença é que em Olympia o predomínio foi da pequena burguesia intelectual, diferença importante, pois remete ao ambiente social do interior onde as ideias até circulavam, mas onde quem não era profissional liberal estava atado à rede de sociabilidade e de práticas

<sup>124</sup> Sobre a composição social do fascismo, Leandro Konder escreveu o seguinte: Qual era a classe social decisiva no desencadeamento do movimento fascista? Não era difícil encontrar uma resposta segura para esta pergunta. Mais fácil era responder a uma outra questão: qual era a classe social que proporcionava o contingente mais amplo no apoio de massas com que o fascismo contava? Um exame da composição de tais massas levava à conclusão de que nelas o proletariado industrial estava sub-representado e a hegemonia cabia, sem dúvida, à pequena burguesia. KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. P. 36.

<sup>125</sup> TRINDADE, Hélgio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. p. 135.

definidas pela hegemonia dos proprietários. Também a composição etária dos camisas-verdes do município se aproximava do que foi pesquisado por Trindade. A repartição dos integralistas, segundo a idade, revela que, em 1933, a maioria dos dirigentes/militantes locais tinha menos de 25 anos.<sup>126</sup> Em Olympia a faixa etária da maioria dos dirigentes/militantes era de menos de 25 anos. Em 1934, ano da fundação do núcleo local, Ítalo Galli tinha 21 anos e Ruy do Amaral apenas 17. Philemon da Matta fugia a regra com 46 anos. Como no fascismo, esses jovens integralistas da pequena burguesia intelectual sonhavam com uma escalada ao poder, ainda que apenas a nível local.

Concluindo, a ideologia integralista em Olympia apresentou uma ruptura entre o discurso fascista e a inexistência de práticas de mobilização da massa, características no fascismo. O núcleo da A.I.B. teve características urbanas, mesmo atuando num município agrário, e esteve mais comprometido com a civilização que se forjara no litoral do que com a do “hinterland” brasileiro. Plínio Salgado falava na coexistência de duas classes no país: uma minoria letrada e uma pesada multidão de analfabetos ou semi-analfabetos. A dificuldade dos meios de comunicação havia isolado as regiões, do mesmo modo como o contraste da cultura litorânea com a realidade psicológica das populações interiores havia partido a nação em duas.<sup>127</sup> Para o chefe nacional, a compreensão do povo brasileiro só seria possível separando preliminarmente as duas nações que coexistiam no país e que eram resultado de uma revolução distinta.<sup>128</sup> O Brasil letrado, dos literatos, dos juristas, dos cientistas, dos grandes industriais e comerciantes, dos políticos e diretores de partidos, esse Brasil procederia do século XIX, constitucionalista, liberal, democrático, cientista, romântico e retórico. O outro Brasil seria o dos aglomerados

---

<sup>126</sup> Idem. P. 144.

<sup>127</sup> SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. P. 157.

<sup>128</sup> Idem.

municipais, das populações disseminadas pelo imenso território, das massas proletarizadas, dos bandos sertanejos, que procederia do século XVI, individualista, aventuroso, feiticista por índole, acomodatício às injunções patriarcais ou imperativos caudilhescos.<sup>129</sup> Alcir Lenharo analisa que no pensamento totalitário brasileiro o sertão é tomado como a “reserva de brasiliade”, o “fácies típico inconfundivelmente brasileiro”. É no sertão pobre e esquecido, continua Lenharo, que encontra-se a “reserva moral do país”, enquanto o litoral (as cidades) apresentam-se estandartizadas, padronizadas arquitetonicamente e moralmente, mancomunadas com o capitalismo internacional e submetidas à sua influência dissolvente.<sup>130</sup> Lenharo chamou de “dualidade esquizofrênica” esse modo do pensamento totalitário entender a relação campo/cidade, cuja dimensão se explicita na dicotomia puro/impuro, espiritual/material. A nação ideal estaria no sertão, pois seu isolamento, sua pobreza e seu “atraso” lhe garantiriam a pureza original; a cidade seria o domínio da matéria, da intoxicação capitalista, completa Lenharo.<sup>131</sup>

A elite intelectual do integralismo olímpioense estava muito mais ajustada a esse Brasil litorâneo, letrado, do que com o Brasil dos bandos sertanejos, com o qual Olympia aproximava-se socialmente na década de 30. Essa elite letrada parecia viver num mundo à parte, fora da dimensão da realidade local, disseminando ideias esdrúxulas para o lugar, transformando o núcleo municipal numa espécie de “Clube das Letras”. A elite integralista local assumiu as ideias sem a sua vitalidade, que era a de empolgar, de mobilizar. O tom político do fascismo foi na base do grito, da exaltação, da empolgação e da organização, políticas extremamente ativas, virulentas na ação, que exaltavam a força e levavam a agir. Os integralistas locais só divulgaram as ideias até certo ponto, sem o estilo que juntamente fazia parte da

---

<sup>129</sup> Idem. P. 157 – 158.

<sup>130</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. P. 72.

<sup>131</sup> Idem.

marca fascista. Benito Mussolini insistia sobre a necessidade dos fascistas aproveitarem toda oportunidade de afirmação para o partido, sem qualquer preocupação doutrinária: “*Nós, fascistas, não temos doutrinas preestabelecidas, nossa doutrina é o fato... Devemos nos afirmar onde quer que formos.*”<sup>132</sup> Ao integralismo de Olympia sobrou o discurso doutrinário e faltou a virulência que poderia significar a mobilização da massa em torno das ideias. Destarte, o movimento integralista não despertou mais que um sentimento de curiosidade diante do novo que representavam aqueles homens vestidos com camisas-verdes, organização paramilitar e palavras de ordem até então desconhecidas naquele sertão paulista.

Para o fascismo, a essência da política consistia em reconhecer e apreender as exigências do momento. Os programas não eram tão importantes como a submissão incondicional ao chefe. A história não seria feita pelas massas, nem pelas ideias ou forças “silenciosamente ativas”, mas pelas elites que dominam, cada uma por sua vez.<sup>133</sup> Se no fascismo as ações precederam as ideias, no integralismo elas surgiram primeiro e deveriam ser respaldadas pelas massas<sup>134</sup> mobilizadas. No rincão denominado Olympia, o integralismo permaneceu fiel à doutrina, mas alheio às massas, defendendo suas ideias respaldadas tão somente na suposta superioridade da elite intelectual a qual pertenciam os camisas-verdes. A Ação Integralista Brasileira, se partirmos do que aconteceu em Olympia, pretendia

---

<sup>132</sup> PARIS, Robert. *As Origens do Fascismo*. P. 68.

<sup>133</sup> FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. P. 143.

<sup>134</sup> O integralismo via da seguinte forma a diferença entre massa e povo: Povo e multidão amorfa, ou como se diz “massa”, são dois conceitos diferentes. O Povo vive e se move por vida própria. A “massa” é inerte e não pode ser movida senão por agentes externos. O Povo vive na plenitude da vida dos homens que a compõem, cada um na sua categoria e modo de ser, uma pessoa que comprehende a sua própria responsabilidade, as suas próprias convicções. A “massa”, ao contrário, espera o impulso de fora, dominada pelos que lhe exploram os instintos e impressões, pronta a seguir hoje uma bandeira, amanhã outra. Da exuberância de vida de um verdadeiro povo, uma vitalidade abundante e rica se infunde no Estado e em todos os seus órgãos, com vigor incessantemente renovado. (Extraído do livro “O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado”, de Maria Amélia Salgado Loureiro)

estabelecer um governo de intelectuais, plasmando as massas com os mitos, ritos e símbolos, imprimindo o caráter integralista até a sua completa submissão ao chefe e ao poder da nova elite intelectual que os camisas-verdes representariam. A massa, dizia Plínio, é sem consciência e sem destino, onde o homem perdeu o conhecimento da sua origem humana e nacional, onde o homem retornou à condição de argila anterior à intervenção divina, que plasmou um dia e fez solidificar os traços firmes da personalidade.<sup>135</sup> É no mínimo instigante lembrar o que Ruy do Amaral escreveu sobre o Integralismo ao se desligar do movimento em 1937:

*"Profundamente democrático, causava-me mesmo repugnância o fato do integralismo preconizar para o Brasil um regime de força, que só poderia sufocar as liberdades populares. Encastelando-se na classe burguesa da sociedade, ele pretendia com a mentalidade dessa mesma classe social, conseguir a harmonia dos interesses sociais. Hoje os nomes mais em evidência dos açambarcadores das economias populares, quando não filiados, estão prestigiando o movimento integralista... No Integralismo não se encontra o menor eco as reivindicações, as gritas das massas trabalhadoras. Um movimento assim que se constitue em milícias de caráter policial, poderá ser um movimento que se afirme revolucionário? Todo o movimento sindical feito dentro desse partido é tido como desnecessário, pois que ali se julga que os trabalhadores não tem o direito de exigir alguma causa que é seu. Tem, pelo contrário, que ficar sujeitos ao "chefe falou" da hierarquia rolha. Há mais de quatro anos no Integralismo, foi todo o meu desejo conseguir com os que propunham a*

---

<sup>135</sup> SALGADO, Plínio. *Espírito da Burguesia*. In: Obras Completas. P. 93.

*realização dessas reformas, modificar essa orientação que sempre julguei errada.*<sup>136</sup>

*“Indignos todos os seres que falam como os papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da Terra! Indignos todos os homens que falam com os lábios e acabam transformando-se na insensibilidade dos fonógrafos!”*

(Plínio Salgado, *O Estrangeiro*)

---

<sup>136</sup> AMARAL, Ruy do. *Razões de uma atitude*. Jornal “Cidade de Olympia”, 13 de junho de 1937.